

Saúde Pública e Medicina no Império Alemão aquando do conflito 1914 – 1918 –

MARCO STEINERT SANTOS

CEIS20, Universidade de Coimbra

markosteinnmann@yahoo.de

Nos alvares de 1900, a saúde pública mostrava-se já bem estribada no espaço geográfico alemão. Todas as grandes cidades alemãs dispunham já de redes de saneamento básico, um sistema de hospitais modernos para a época, aliados aos progressos da medicina realizados por homens como Robert Koch e Pasteur.

Em 1914 a economia alemã encontrava-se em franca expansão, tendo a sua produção industrial ultrapassado a da Grã-Bretanha em vários níveis; na expansão colonial, o Império alemão demonstrava igualmente a sua capacidade: para quem chegara tarde à corrida pela posse de colónias, a Alemanha conseguira em 30 anos igualmente prodígios que colocavam outros países coloniais na penumbra.

Mercê desta corrida desenfreada pela supremacia no mundo, os impérios vão criando atritos entre si (por exemplo: a crise de Fadocha, as crises de Marrocos, os focos de crise/instabilidade dos Balcãs), atritos que a diplomacia vai conseguindo solucionar, muitas vezes *in extremis*. A crise despoletada pelo assassinio do Grã-duque Fernando e de sua mulher às mãos de extremistas sérvios deveria ser mais uma crise mas, desta vez, a diplomacia das grandes potências falhou e tudo se precipitou para uma guerra que em segredo desejavam mas que no final, ninguém quis.

No início do conflito, Agosto de 1914, o entusiasmo das gentes que partiam para a guerra era genuíno, potenciado por uma educação e crenças de orgulho nacional e confiança cega no futuro: a situação de guerra era aos olhos das grandes massas um mais que justo ajuste de contas entre nações briosas e orgulhosas. Tudo parecia indiciar um «breve passeio militar»; até ao Natal de 1914, tudo estaria resolvido.

Sabemos hoje que não foi assim: o destino encarregou-se de demonstrar que ao invés duma guerra curta de 2, máximo, 4 meses, tivemos um conflito à escala mundial, na qual se degladiaram gentes de todas as latitudes, raças e credos por 4 longos anos. As

potencialidades nascidas com a produção industrial tornaram igualmente possível a tecnicização da guerra (e da morte), a uma escala até aí inimaginável.

Pela primeira vez, a arte da guerra e a sua condução foi deixada a tecnocratas militares; no caso alemão, o Alto Comando (“*Oberste Herresleitung*”), que, apercebendo-se que a guerra ia ser mais longa do que o inicialmente previsto, começa a submeter ao esforço da guerra todas as outras actividades do País, traçando e ditando linhas gerais e directivas, em prol da “vitória final” (o “*Endsieg*”).

Ora, uma guerra só se ganha com gente/homens saudáveis; aqui entra a medicina militar: a Alemanha já dispunha duma longa experiência prática sobre o tratamento dos feridos em combate (guerras napoleónicas, a guerra prusso-dinamarquesa de 1864, a guerra franco-alemã de 1870/1871) bem com o das epidemias que geralmente seguem no encalço de grandes ajuntamentos. Sabe-se desde tempos imemoriais que muitas vezes o deus da guerra ceifava mais vidas com as setas das doenças, do que pela espada do combate.

Em 1914, particularmente, na Alemanha, surge um novo fenómeno: a “frente doméstica” (a *Heimatfront*: crianças, mulheres, idosos) ficava igualmente envolvida, quer pela sua gradual mobilização para o esforço de guerra, quer pelos efeitos perniciosos do bloqueio naval que começou a minar as forças e resistências da população alemã no geral.

A duração do conflito e a sua extensão colocaram desafios inimagináveis em termos de saúde pública, dos quais se dará conta. Igualmente se dará conta da assistência médico-militar, nomeadamente, das preocupações com os inválidos/estropiados de guerra e o confronto com um novo tipo de doença: aquilo a que hoje chamamos de “choque pós-traumático”.